

Labirintos no tempo: a cidade medieval e os espaços

Marlen Batista De Martino

Prof. Dra. História e Teoria da Arte da Universidade do Estado de Santa Catarina
demartino.marlen@gmail.com

Isadora Gonçalves de Azevedo

Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina
isadoracga@gmail.com

Resumo: Abordamos neste artigo algumas características pertinentes as cidades medievais, na tentativa de estabelecer relações com diversos aspectos espaciais avistados nas cidades contemporâneas. A cidade pode ser pensada como um local de encontro e de trocas, um entrecruzamento de peculiaridades. A urbe contemporânea, com uma versatilidade inerente as suas conformações, é tributária de antigas camadas urbanas. Um grande número de elementos sobrevive denunciando as heranças legadas pelas cidades antigas.

Palavras-chave: Cidade. Idade Média. História. Contemporâneo.

1 INTRODUÇÃO

Um visitante, um estrangeiro, um nômade ou um turista dificilmente detêm a mesma concepção espacial de um morador nativo ou um antigo residente do local. Da mesma forma, um carteiro pode descrever as ruas de modo distinto de um arquiteto, de um engenheiro, ou até mesmo de um artista visual. A imagem de uma cidade é variável, pois está inteiramente vinculada a perspectiva e ao ponto de vista daquele que a está observando. A percepção do espaço é móvel.

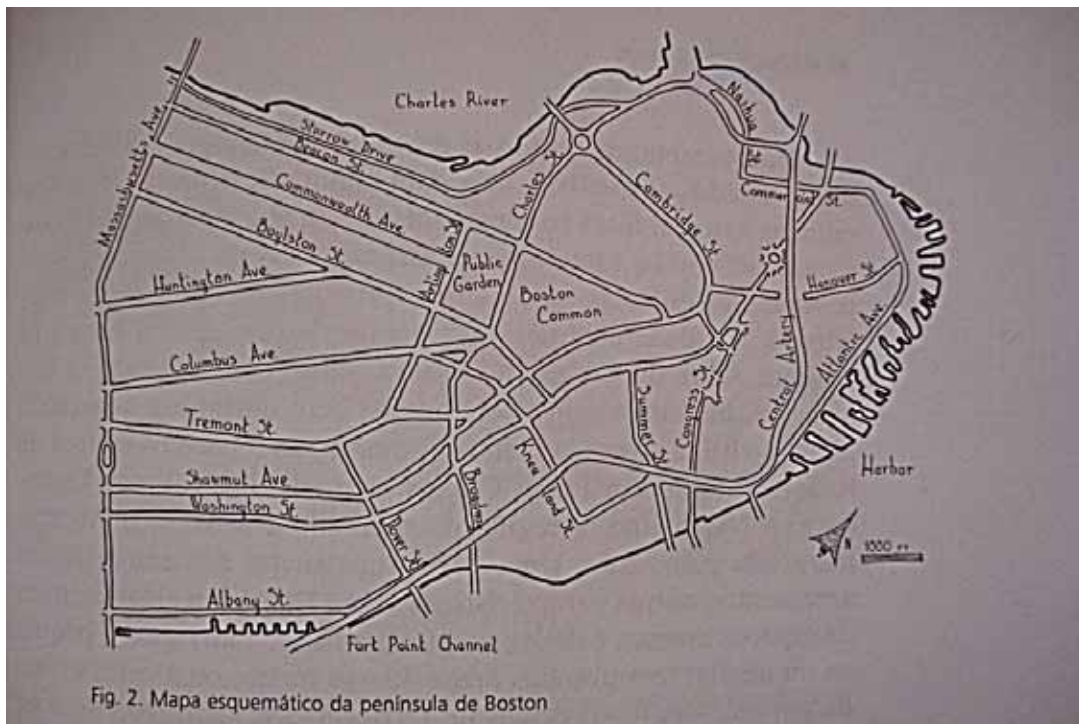
Em sua obra *Urbanismo*, Le Corbusier (2000) afirma que o homem caminha em linha reta por possuir um objetivo. A mula, por sua vez, traça caminhos curvos, por andar distraída – e para desviar de obstáculos.

Ao contrário de sua afirmação, inúmeras pesquisas apontam para a necessidade humana de percorrer caminhos curvos, ao invés de seguir as definições geométricas preestabelecidas nos inúmeros ambientes construídos e/ou alterados. A partir de tal oposição de idéias, há a divisão entre a cidade-máquina e a cidade-orgânica.

Segundo Lynch (1997), durante o contínuo crescimento de precisão estrutural das cidades, houve quatro estados principais. No primeiro, os elementos do espaço ficavam dispersos, sem estabelecer interrelação. Quando um ou mais elementos passam a assumir um significado posicional, trata-se do segundo estado. Neste, as partes mantêm certa ligação. Existem, porém, problemas de distância, descolamento, direção, etc. Num terceiro momento, admite-se a flexibilidade das estruturas, bem como das vias de ligação. Surge, por último, o quarto estado: com a multiplicação das ligações, a fim de facilitar o deslocamento e o contato, as estruturas tornaram-se rígidas.

Para entender o conjunto das formas da cidade, é fundamental compreender seu início. Lynch cita alguns modelos. Dentre eles está o fato de que em algumas cidades o desenvolvimento ocorre a partir de uma rua principal, como aconteceu com a Avenida de Massachusetts - Boston. Surgem ramificações e há o crescimento lateral do espaço em questão (Imagem 1). Outro ponto abordado por Lynch é de que alguns mapas tinham como princípio uma linha circundante. Seu espaço interior seria preenchido com o tempo. É possível perceber tal acontecimento também na Península de Boston.

IMAGEM 1



Mapa esquemático da península de Boston extraído do livro *A Imagem da Cidade* (1997).

Em Los Angeles, o modelo das vias em forma de grades determina um sistema mais rígido (Imagem 2). Em poucos casos, o início era caracterizado por regiões divididas, as quais, unidas, formavam um único conjunto.

IMAGEM 2



Los Angeles vista do oeste – extraída do livro *A Imagem da Cidade* (1997).

Um último modelo a ser citado são as vias flexíveis com formatos diversos, que marcam, pois, mapas com traços aparentemente elásticos, como acontece em partes de Boston (Imagem 3).

IMAGEM 3



Península de Boston vista do norte – extraída do livro *A Imagem da Cidade* (1997).

A partir dessas transformações, foi possível definir direções e sentidos. Houve, ainda, a criação de imagens hierárquicas, que são constituídas por elementos adotados como referenciais. Pode-se, pois, dizer que determinada instituição fica ao lado da praça principal da cidade, localizada a oeste.

Lynch descreve, ainda, cinco elementos de importância para o estudo e entendimento da cidade: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. Os limites são “as fronteiras entre fases, quebras de continuidade lineares” (p.52). Pontos nodais são os pontos estratégicos de uma cidade, que podem ser pontos de junção, cruzamentos, locais de passagem. Marcos são

pontos de referência, que podem ser monumentos ou mesmo uma loja que se destaque. Vias são canais de circulação e bairros são regiões médias ou grandes de uma cidade.

É importante, porém, observar que as análises e conclusões do autor estão fixadas em sistemas que lembram estruturas geométricas e se apóiam nos fundamentos básicos da linguagem visual, construída através das noções de ponto, reta e plano. A cidade é um espaço que sofre alterações de acordo com o contexto histórico no qual está inserida. Sua construção pode ocorrer de modo espontâneo, podendo ser planejada, destruída ou modificada a qualquer momento.

Até o século XIX, as regras morfológicas foram semelhantes. O espaço urbano era definido através dos elementos citados (praça, rua, lote, quarteirão,...). Tais elementos estabeleceram relações de coerência entre si. A mudança radical deu-se, contudo com o advento da cidade moderna.

As diferenças entre o desenvolvimento racional e o orgânico iniciam já no processo de formação da cidade. Os elementos morfológicos, porém, aparecem em ambos: quarteirões, lotes, ruas, praças, edificações, etc.

2. A cidade medieval

São características da formação de cidades medievais: reocupação de cidades romanas antigas; crescimento de burgos nas periferias e conseqüente formação de novas cidades; santuários antigos são reutilizados e geram novos núcleos habitacionais; aldeias rurais crescem e resultam em mais cidades; etc. As diferenças morfológicas das cidades em virtude dessas formações acabam por assemelhar-se com o tempo.

Mudanças funcionais, falta de espaço dentro do perímetro amuralhado, dificuldades na obtenção dos materiais de construção, levam a cidade medieval a utilizar os restos das antigas cidades romanas: pedras de templos e edifícios. A sobreposição de traçados e de construções realiza-se sem uma ordem predefinida e com pontos de apoio nos eixos que ligam as cidades, estradas de passagem, portas das muralhas, pontes sobre os rios, etc. Assim, a formação da cidade medieval vai processar-se organicamente por desenvolvimento das antigas estruturas romanas ou pela fundação de cidades novas organizadas segundo um plano regulador. (LAMAS, 2007, p. 151)

A queda do Império Romano causou certa redução no crescimento demográfico e urbano. A partir do século X, a volta do comércio e a política estabilizada propiciaram mudanças nesse ritmo.

A escala monumental romana é substituída por ambientes mais íntimos. Há, porém, os diversos sistemas de defesa: muros, muralhas, fossos e torres. À medida que a cidade cresce, novas muralhas são construídas – e estas delimitam forma, tamanho e imagem da cidade. As muralhas anteriores não eram destruídas, ou ao menos eram deixados vestígios, e estes se tornavam marcos na cidade.

As ruas são feitas para passeios a pé ou com animais de carga. Entre os séculos XI e XII, a pavimentação já era bastante comum. As ruas são locais de encontro, em especial devido ao comércio. O mercado estende-se até atingir a rua, onde ocorrem compras, vendas e negociações.

A praça medieval ocupava espaços vazios, resultando em traçados e tamanhos irregulares. As principais funções eram a de comércio e a de encontros sociais. Devido a tais funções, existia a praça do mercado e a praça da igreja.

Os edifícios de maior destaque eram as igrejas e as sedes governamentais. Os quarteirões diferenciaram-se das cidades antigas pela forma de ocupação. No momento em que as residências se estabelecem nas extremidades do quarteirão, seu interior é preenchido por jardins e espaços internos. De modo geral, os jardins são utilizados pelas famílias de maneira coletiva.

Vale ressaltar aqui os problemas que os quarteirões atuais geram, devido à má ocupação espacial. Inúmeros interiores de quarteirões viram estacionamentos. Ainda assim, a circulação é difícil. Alguns quarteirões não preenchem os espaços internos, e estes ficam esquecidos. Este é um dos momentos em que a cidade medieval é lembrada e discutida. Existem, também, propostas de quarteirões semelhantes aos medievais. As situações aqui citadas não estão presentes apenas na cidade contemporânea, mas em outras épocas.

De volta à cidade medieval, os traçados viários determinam o quarteirão, fato que o permite ser regular ou não. Os edifícios são variados, e, por isso, possuem características

individuais, criando diferentes imagens. O quarteirão torna-se, pois, elemento morfológico do espaço urbano.

Em relação à interação social, Mumford (1998) diz que

Na cidade medieval, aqueles poderes, o espiritual e o temporal, com suas ordens vocacionais, o guerreiro, o mercador, o sacerdote, o monge, o bardo, o erudito, o artífice e o negociante, alcançaram algo como um equilíbrio. O equilíbrio continuou sendo delicado e incerto; mas o esforço para mantê-lo foi constante, e o efeito real, porque todos os componentes sociais eram pesados, sendo cada qual devidamente representado. Até o fim da Idade Média – esse, aliás, é um dos sinais do fim, - nenhum elemento foi suficientemente forte para estabelecer permanentemente seu próprio domínio sobre todos os outros. Em consequência, tanto física quanto politicamente, a cidade medieval, embora recapitulasse muitas das características da antiga ordem urbana, era, em certos aspectos, uma criação original. Liberdade, igualdade corporativa, participação democrática, autonomia, jamais foram inteiramente alcançadas em qualquer cidade medieval. (p. 329)

É importante destacar, porém, as possibilidades de interação que a vida doméstica proporcionava entre as famílias e os seus trabalhadores. Ambas as partes viviam de maneira coletiva: todos comiam juntos, trabalhavam nos mesmos locais, dormiam no mesmo salão. Não havia, na época, a separação de quartos. Os filhos e os “empregados” – o termo ideal não é exatamente este – dormiam no quarto do casal que administrava a família.

As casas eram construídas lado a lado, e tinham entre dois e três andares, além de grandes jardins. As pequenas aberturas, devido à grossura das paredes, impediam a ventilação. Por consequência, ambientes mofados e com mau cheiro eram comuns. Tapetes eram usados para reter e disfarçar a umidade. É neste período que o vidro é aperfeiçoado.

Devido às questões de higiene e de privacidade, muitos casais preferiam ter relações sexuais em locais abertos, fora de suas casas, longe da umidade e da presença de outras pessoas.

Não apenas nas casas, mas nas ruas e demais locais da cidade, a insalubridade era inegável. Os dejetos eram abandonados nas ruas, atirados pelas janelas, jogados pelas escadas. Para aqueles que moravam em fazendas, o odor deveria ser mais agradável do que o encontrado na cidade. Com o tempo, o sistema de recolhimento dos dejetos e esgoto em geral foi aperfeiçoado.

O banho era de suma importância para a população. Os banhos coletivos serviam como momentos de conversar, discutir, negociar. Uma grande mudança, capaz de interferir na

estrutura da cidade medieval, foi o sentido de isolamento. A mudança do coletivo para o individual foi responsável por alterações nas edificações e, em especial, nas residências.

O modo como a cidade constituiu-se serviu de base para a formação de muitas cidades durante a história das civilizações. O conceito de cidade orgânica fortificou-se através das características medievais. Nos últimos séculos, idealizações feitas por inúmeros arquitetos e/ou outros profissionais tiveram influências do modelo em questão. Cidades-jardins e a própria idéia da cidade modernista tiveram, em algum momento, estudos de tempos anteriores – e é difícil imaginar que a cidade medieval tenha sido excluída das análises.

A cidade orgânica não foi previamente planejada para ser orgânica (Imagem 4). O crescimento ocorreu de acordo com as necessidades. O relevo cheio de curvas e elevações permitia que vias tortuosas fossem abertas. Traçar linhas retas seria mais trabalhoso e poderia dificultar os percursos. A cidade medieval esteve, de fato, ligada a questões de interação entre o ser humano e a natureza.

IMAGEM 4



Exemplo de cidade orgânica. Braun & Hogenberg. “**Antigo mapa da cidade de Aachen.**” Título original: “**Aquisgranum, vulgo Aich, ad Menapiorum fines, perantiqua Imperij Urbs, Monumento Caroli Magni ...** In: “*Civitates Orbis Terrarum, ... Part 1.* Köln, 1572-1624. Gravura sobre metal, colorida manualmente. 32 x 38 cm. Disponível em: http://www.sanderusmaps.com/antique-maps/europe/aachen_19178.cfm. Acesso em: 17 abr. 2010.

3. A cidade pós-medieval

A transição das formas da cidade não ocorre de uma hora para outra, assim como um organismo, ao morrer, não se decompõe de em milésimos de segundos. Desse modo, a cidade medieval fragmentou-se, mas nem todos os seus traços foram extintos. A Igreja de Roma, pois, mantém-se até os dias atuais.

Na arquitetura, não houve, de fato, rompimento entre o gótico e o neogótico. Grande parte das construções renascentistas ocorre nas ruas medievais, dentro das muralhas, numa organização ainda medieval. Entre os séculos XVI e XVIII, a forma e o conteúdo urbano foram alterados por novos traços culturais, vindos do capitalismo mercantilista.

A renascença é conhecida por ser a época do grande triunfo intelectual, este acompanhado de novas edificações e, portanto, de reformas na cidade e nas ações humanas. Tanto na Igreja quanto no governo, a desmoralização foi marcada pelas indulgências, compras de posições, intenções sutis no fornecimento de casas pelo município, entre outros.

Com a peste negra, os valores humanos não considerados dignos, como “os sete pecados”, foram admitidos diante da sociedade e tornaram-se comuns. A busca por poder e riqueza foi exposta, e tais ações acabaram por orientar a sociedade.

Antes que a organização barroca tivesse ganho controle de quase todos os aspectos da cena, houve uma fase intermediária na qual o novo e o antigo se misturaram e ganharam reciprocamente, pelo seu próprio contraste e oposição. Essa fase é ainda impropriamente chamada “a” renascença – termo implantado com demasiada solidez para ser facilmente removido, embora quase tão enganoso em suas conotações quanto “a” revolução industrial. Nesse ponto da construção urbana, o enclausuramento hoje sem significação e a desordem e congestionamento, que muitas vezes caracterizaram a cidade da baixa Idade Média, tinham-se tornado intoleráveis. Mesmo do ponto de vista prático, ruelas tortuosas e becos escuros tinham-se tornado suspeitos como incentivadores do crime [...]. A fim de respirar mais uma vez, os novos urbanistas e construtores puseram de lado as apinhadas muralhas, derrubando telheiros, tendas, casas velhas, penetrando nos becos tortuosos, a fim de reconstruir uma rua reta ou uma praça retangular aberta. Em muitas cidades, o povo deve ter tido a mesma sensação de janelas que eram subitamente abertas para um quarto embolorado, cheio de teias de aranha. (MUMFORD, 1998, p. 448)

Apesar das modificações, os acontecimentos dos séculos XV e XVI não ocorreram de forma isolada. Tais mudanças eram questionadas em tempos anteriores. Pensava-se, porém, em transformações gradativas, não em uma grande revolução espacial. É possível dizer, pois, que não existem cidades renascentistas, existem cidades estruturadas em espaços medievais, mas com alteração nas características do ambiente.

A regularidade ao invés das ruas tortuosas deixou a cidade menos orgânica e harmoniosa, sem ser, contudo, extremamente rígida e opressiva. Percebe-se então, o objetivo de questionar o sistema anterior, fato comum na história humana – e que não necessariamente significa uma ordem evolutiva.

A transformação da desordem visual em sentidos de clareza, amplitude e uma ordem mais formal caracterizou as mudanças na cidade até o século XVII. O período barroco, por sua vez, manteve boa parte desses últimos princípios. O que houve entre os dois períodos foram as mudanças políticas e econômicas. Os ideais das cidades do mundo antigo fortaleceram-se, trazendo consigo as vantagens das máquinas de energia mais eficazes. Os planos urbanos estavam mais rígidos, impacientes com as alterações complexas, lentas, como as de um organismo vivo.

Mumford (...) refere-se às formas renascentistas como mutantes, as barrocas como dominantes e, por último, as neoclássicas como persistentes, dentro dessa complexa transformação cultural.

Desde o início da Idade Média, o poder real e o municipal disputavam espaço. A criação dos Estados Feudais aproximou as relações entre as cidades: ou havia a união por parceria, ou uma dominava a outra, fato gerador de inúmeros conflitos. Durante os séculos XVI e XIX, ocorreram modificações nos objetivos das construções das cidades. A busca por uma autoridade central desviou a criação de inúmeras cidades, dispersas e difíceis de controlar. Outro acontecimento que deixou a cidade medieval em desvantagem foi o uso de balas de canhão nas guerras – as muralhas, as montanhas e demais diferenças de relevo poderiam causar desmoronamentos. Neste caso, as ruas estreitas e tortuosas também eram prejudiciais.

4. Um organismo vivo

A instabilidade estrutural das cidades - apesar destas possuírem um corpo, ou um espaço predeterminado – aproxima a semelhança de seus movimentos aos de um corpo humano. O fluxo de pessoas, de automóveis, as mudanças, as limpezas do espaço público, os desmatamentos de áreas verdes, as reformas e novas construções, cada modificação do ambiente altera seu funcionamento. Da mesma forma, o fluxo sanguíneo, o sistema

respiratório e o digestivo sofrem modificações, aumentam e diminuem a velocidade, alternando entre uma grande movimentação e um fluxo menos intenso de veículos e transeuntes.

A circulação das veias e artérias, ou das ruas, avenidas e estreitas passagens renovam e dão vida à cidade. Em sua obra *Acupuntura Urbana* o ex-prefeito de Curitiba, Jaime Lerner - famoso pela atuação e proposta de modificações na cidade, a qual é referência mundial -, defende a idéia de que todos os sistemas e partes da cidade estão relacionados. Ao alterar uma região da cidade, toda ela sofrerá a mudança. Assim como existem agulhas de acupuntura que podem agir em determinados pontos do corpo, influenciando em outras áreas, as “agulhas” da cidade exercem fortes conseqüências em toda sua extensão.

É preciso enxergar a cidade não como um ponto fixo no espaço, mas como um organismo vivo e em movimento. A cidade se reconstrói de tempos em tempos, renova seus traços, fluxos e formas. Sua fisiologia permite um dinamismo diário, tal qual nosso corpo.

Assim como podem ser feitas comparações e separações entre cidades orgânicas e não orgânicas, existem muitas características medievais em fatos recentes. A cidade contemporânea é um grande exemplo de organismo, o qual renovou os sistemas modernistas, mas ainda os possui em suas estruturas. A intensidade de seu fluxo ganhou forças desde a revolução industrial, e o congestionamento de suas vias pede uma reelaboração de seus hábitos, em busca de uma vida mais saudável. Inúmeros incentivos e atitudes já existem, e a proximidade com a cidade medieval dá-se justamente pelo desenvolvimento mais espontâneo e menos planejado.

A cidade, segundo Argan (2005), não deixa de ser um bem de consumo. É nela que a vida social acontece, e que a comunicação ganha força. Existe, porém, flexibilidade no entendimento de uma cidade. Nem sempre um habitante pensará da mesma forma que a pessoa responsável pelo planejamento do local.

Edward T. Hall (2005) utiliza associações com os sentidos de modo a relacionar ações humanas aos instintos animais, frequentemente relegados. “O relacionamento do ser humano com seu ambiente é uma função de seu sistema sensorial e de como esse sistema está condicionado a reagir”. E afirma:

Embora prédios e cidades não tenham como reparar a injustiça social, e apesar de muito mais do que um bom planejamento urbano ser necessário para fazer funcionar uma democracia, ainda há um vínculo muito próximo entre a humanidade e suas extensões. Não importa o que aconteça no mundo dos seres humanos, acontecerá num cenário espacial; e o projeto desse cenário exerce uma influência sobre as pessoas que nele se encontram. (HALL, 2005, p. XI).

Pode-se compreender a cidade como um palimpsesto: é possível escrever sobre ela e após determinado tempo apagar o que foi escrito. É permitido deixar marcas ou removê-las totalmente. As formas, as edificações, as ruas, os desenhos da cidade modificam-se, mas permanecem sobre o mesmo território – o qual também não está impedido de ser alterado. A cidade contemporânea traz consigo, pois, traços medievais, deixando sempre a possibilidade de criar novas raízes sob seu solo. E sobre ele, ainda, novas e velhas folhas cairão.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carl. **Historia da arte com historia da cidade**. 5 edição – SP Martins Fones, 2005.

BATTISTONI FILHO, Duílio. **Pequena historia da arte**. 3 edição – Campinas, SP Papirus, 1989.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. SP: Companhia das letras, 1990.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Edições 70 – Portugal, 2009.

HALL, Eduard T. **A dimensão oculta**. São Paulo Martins Fontes, 2005.

LAMAS, Jose Manuel Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. FCG e FTC – 2007.

LE CORBUSIER. **Urbanismo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana**. Rio de Janeiro: Record. 2003.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 1 edicao, 3 tiragem(2006) – São Paulo Martins Fontes, 1997

MUMFORD, Lewis. **A cidade na Historia suas origens, transformações e perspectivas**. 4 edição – São Paulo Marins Fontes, 1998.

SENNET, Richard. **Carne e pedra o corpo e a cidade na civilização ocidental**. RJ Record, 1997.